

WITTGENSTEIN E O RELATIVISMO CULTURAL

Jair de Oliveira Duarte Junior¹; Clademir Luís Araldi²;

¹Universidade Federal de Pelotas – contatojjunior@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe-se investigar o tema do relativismo, com foco na obra tardia de Ludwig Wittgenstein. Não raro, alguns intérpretes associam a obra *Investigação Filosóficas* (1953) ao que chamamos de 'relativismo cultural normativo', isto é, a forma de relativismo que confirma que normas e valores morais são relativos a culturas específicas e, portanto, são vistos como válidos apenas no interior de certas tradições e práticas. Neste sentido, o objetivo central de nosso estudo é analisar criticamente se Wittgenstein, por meio de conceitos como "jogos de linguagem" (*Sprachspiele*), "formas de vida" (*Lebensformen*) e "semelhanças de família" (*Familienähnlichkeit*), de fato incorre em uma postura relativista, no sentido cultural, ou se suas ideias sustentam outra interpretação, como o pluralismo ético.

Partiremos da hipótese que a obra de Wittgenstein, ao contrário do que sugere certas interpretações contemporâneas, não endossa um relativismo cultural forte, mas sim um pluralismo ético que admite a diversidade cultural sem abandonar a possibilidade de uma crítica e avaliação das práticas morais. Os argumentos que sustentam nossa hipóteses baseiam-se, sobretudo, na descrição gramatical wittgensteiniana. Em vez disso, propõe-se que a filosofia de Wittgenstein ofereça uma abordagem pluralista, na qual a diversidade cultural é reconhecida, mas ainda permite uma avaliação crítica das práticas morais. Assim, busca-se contribuir para o debate sobre a relação entre linguagem, moralidade e cultura, propondo que Wittgenstein oferece uma alternativa mais sofisticada ao relativismo cultural normativo, através de um pluralismo ético fundamentado no uso da linguagem.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada no presente texto consiste em uma análise filosófica descritiva, com abordagem na interpretação dos escritos tardios de Ludwig Wittgenstein, especialmente suas *"Investigações Filosóficas"* de 1953.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A associação da obra tardia de Wittgenstein ao relativismo cultural normativo, embora muitas vezes sustentada, é superficial e se baseia em uma leitura limitada de seus conceitos centrais. Ao analisar os conceitos wittgensteinianos de "jogos de linguagem" e as "formas de vida", bem como o conceito de relativismo cultural, observou-se que Wittgenstein não endossa um relativismo cultural normativo, no qual os valores e juízos morais estariam irrestritamente atrelados a contextos culturais específicos, sem qualquer possibilidade de avaliação crítica ou confronto. Pelo contrário, os resultados revelam que a filosofia wittgensteiniana, ao focar na descrição dos usos da linguagem e na descrição das práticas linguísticas (os jogos de linguagem), aponta para um pluralismo ético mais consistente, onde a diversidade cultural é reconhecida, mas não se traduz em um relativismo radical.

A análise evidenciou que Wittgenstein, ao explorar a ideia de que o significado das palavras se encontra no seu uso, também nos convida a considerar que os juízos morais, embora variáveis entre diferentes formas de vida, não são contraditórios entre si. Nesse sentido, a descrição gramatical wittgensteiniana não dissolve a possibilidade de estabelecer comparações entre diferentes práticas morais, mas, ao contrário, oferece uma base metodológica para o exame crítico dessas práticas. A compreensão de que as palavras e expressões morais adquirem significado no interior dos jogos de linguagem específicos implica que, ainda que as culturas tenham costumes distintos, seus valores fundamentais podem ser comparados e avaliados à luz de uma compreensão mais abrangente das formas de vida.

Além disso, muitas das interpretações que vinculam Wittgenstein ao relativismo ético derivam de uma confusão no entrecruzamento dos jogos de linguagem dos costumes sociais e valores morais, como demonstrado nas discussões sobre as práticas culturais de sociedades como os Callatians, gregos e os esquimós, mencionados por James Rachels (2006). Embora os costumes possam variar significativamente entre diferentes grupos, os valores subjacentes a essas práticas, como o respeito aos mortos ou a preservação da comunidade no exemplo de Rachels, não necessariamente o fazem - em alguns casos, as sociedades possuem valores comuns mesmo manifestando diferentes costumes -

o que fornece uma base comum para o julgamento moral. Portanto, a partir dessa perspectiva wittgensteiniana, a diversidade de práticas culturais não implica necessariamente na ausência de critérios morais compartilhados, mas sim na necessidade de compreender o contexto pragmático no qual os juízos éticos são formulados.

Estes argumentos reforçam a hipótese de que Wittgenstein não defende um relativismo cultural absoluto, mas um pluralismo ético que regula a multiplicidade de formas de vida e práticas culturais, sem abrir mão de uma análise crítica dessas práticas. O pluralismo ético, permite que diferentes culturas sejam avaliadas a partir de critérios internos e externos, mantendo a possibilidade de diálogo e progresso moral. Assim, sugerimos que a obra de Wittgenstein, em vez de relativizar radicalmente os valores morais, oferece uma estrutura filosófica robusta para a compreensão e avaliação da diversidade cultural sem perder de vista a capacidade de discernimento ético.

4. CONCLUSÕES

A partir da análise realizada, conclui-se que a obra tardia de Wittgenstein, muitas vezes interpretada como sustentando um relativismo cultural normativo, é mais coerentemente compreendida à luz de um pluralismo ético. Os conceitos de "jogos de linguagem" e "formas de vida", centrais para a filosofia wittgensteiniana, não conduzem à ideia de que os juízos morais são absolutamente relativos aos contextos culturais, de modo a impossibilitar qualquer orientação de avaliação ou comparação ética. Pelo contrário, a investigação demonstrou que Wittgenstein oferece uma metodologia descritiva que permite compreender as diferenças culturais sem que estas se traduzam em uma incomensurabilidade ética.

Ao contrário de promover uma relatividade absoluta dos valores a partir dos conceitos de jogos de linguagem e formas de vida, Wittgenstein propõe uma filosofia terapêutica e um método de descrição gramatical que, ao investigar os usos da linguagem, permite que as práticas morais sejam consideradas em seus contextos específicos, em seus jogos específicos, sem negar critérios críticos de avaliação. Essa conclusão não apenas refuta as interpretações relativistas, mas também sugere que o pluralismo ético é uma alternativa teórica mais coerente com o pensamento wittgensteiniano, pois admite a diversidade cultural enquanto

preserva a possibilidade de um moral fundamentado na análise cuidadosa das formas de vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

DALL'AGNOL, D. O sentido ético das investigações filosóficas de Wittgenstein. *Veritas*. Porto Alegre, v. 50, .n. 2, jun. 2005, p. 33-41

DALL'AGNOL, D. Jogos morais de linguagem. In: Moreno, A.R. (org.). Wittgenstein: ética, estética, epistemologia. Coleção CLE, y. 43, p. 59-79, 2006.

DALL'AGNOL, D. Natural ou Transcendental: sobre o conceito *Lebensform* em Wittgenstein e suas implicações para a ética. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 29, p. 277-295, jul./dez. 2009

DALL'AGNOL, D. Pluralismo Razoável sem Relativismo Ético: resposta a Sanfélix Vidarte. In: Wittgenstein: notas sobre lógica, pensamento e certeza. Eduardo Ferreira das Neves Filho, Juliano santos do Carmo (org.). *Dissertatio-Studia*, 2014 p. 231

DALL'AGNOL, D. Semelhanças de família nos usos de 'bom'. *Ethic@* - Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 15, n. 2, p. 216 – 230. Nov. 2016

HILLESHEIM, V. Relatividade e Relativismo nos usos da linguagem em Wittgenstein. *Revista Ideação*, N. 47, Janeiro/Junho 2023

KRIPKE, S. A. Wittgenstein a propósito de Reglas y Lenguaje Privado: una exposición elemental. Trad. Jorge Rodríguez Marqueze. Editorial TECNOS, 2006.

LOPARIC, Z. Sobre ética em Heidegger e Wittgenstein. *Natureza Humana*, v. 2, n. 1, p. 129-144, 2000.21

NERI, D. Filosofia Moral: manual introdutório., São Paulo: Edições Loyola. 2004.

RACHELS, J. Os elementos da filosofia moral. 4ªed. Barueri, SP: Manole, 2006

VAZQUEZ, A.S. Ética. 14º ed.. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1993.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Fósforo, 2022.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Col. Os Pensadores).

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. 3. ed. São Paulo: Editora USP, 2022.